Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Última Hora (R.J) **Class.:** 38

Data: 1 de Dezembro de 1980 **Pg.:**

RACHEL DE QUEIROZ

1980

Índios (II)

RETORNANDO ao assunto de Índios, suspenso, na semana passada, a gente se perguntava: que recomendam antropólogos e sociólogos? Que é que fez outrora e faz agora a Igreja?

Bem, antropólogos e sociólogos querem manter os índios isolados, preservadas, em reservas tão amplas quanto possível, continuando a sua vidinha tribal, tal como o faziam antes da chegada de Cristóvão Colombó. Só teriam entrada nos parques indígenas, eles próprios, antropólogos e sociólogos, para documentarem estudarem, curtirem a presença real daqueles fósseis vivos, representantes de uma idade da terra quase universalmente ultrapassada e cujos poucos vestígios se espalham pela florestas da África e da América do Sul.

Já a Igreja é hoje ambivalente. Da sua secular, tradicional posição de catequese, obedecendo ao "Ide e pregai a todas as nações", os chamados padres progressistas evoluíram para a posição dos sociólogos e pretendem que respeitam a cultura indígena, suas tradições, sua estrutura familiar, suas crenças religiosas. Muito bonito, muito adiantado, muito civilizado e democrático. Mas tem uma coisa: e a alma imortal dos índios? Será que, para esses padres, índio não tem alma? Será que por serem índios, em nome da ciência e da democracia, os índios devem ser privados do seu direito, como seres humanos, aos frutos da Redenção? Não é que eu queira que os padres catequizem – isso é com eles. Mas não entendo como possam, dentro da lógica do seu ministério, esquivarem-se à obrigação de evangelizar.

Que o professor Darcy Ribeiro, socialista e ateu, queira manter os índios parados no tempo e no espaço, para o seu deleite científico, entende-se, justifica-se. Mas padres católicos, que talvez sejam marxistas, mas por definição não podem ser ateus, como vão se comprometer, sem trair o seu munus, a permitir que os índios se mantenham definitivamente abandonados a todas as abominações do paganismo?

Ainda ontem leu-se na Imprensa que os padres salesianos que operam junto a tribos da Amazônia, estão sendo duramente censurados pelos padres ditos **da libertação** por índios por estes doutrinados, precisamente porque se dedicam à catequese tradicional, ensinam aos índios o velho catecismo, proíbem que eles andem nús, que pratiquem a poligamia ou, de outra maneira qualquer, infrinjam os Dez Mandamentos da Lei de Deus.

Na verdade, na verdade, fazendo justiça à fé do clero progressistta, não creio muito na sinceridade dessa isenção que eles proclama. Só se na verdade perderam mesmo a religião e saíram para outra. Mas isso é problema deles. A nós, de fora, só resta fazer como o macaco da televisão: não se discute nem se acusa – só se queria entender.

E o pior é que, com todas essas brigas, nem padres nem mestres conseguem preservar os índios dos maus contatos. Inclusive o contato deles portadores que são, como nós todos, dos germes físicos e morais da civilização. Mas acima de tudo porque precisariam da adesão dos próprios índios que, perdida a inocência, não querem mais de maneira nenhuma continuar isolados no mato. Veja-se o Juruna e o seu gravador. Consentirá ele jamais em voltar à obscuridade na selva?

E esse tipo de índios-pelegos, que eles andam exibindo por aí recitando discursos decorados, tropeçando em palavras cujo sentido desconhecem (lembram-se daquele que, em Manaus, **leu** um discurso para o Papa?), que melancolia, que saudade nos dão da severa dignidade do velho Apoena, o último dos grande caciques!